

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI.
Mudanças, impactos e perspectivas.**

GT 05: Trabalho de Cuidado

**O cuidado na família: 'trabalho-castigo' ou transmissão de saberes?
Relações de gênero e histórias de vida de trabalhadoras técnicas de enfermagem.**

**Érica Dumont¹
Isabel de Oliveira e Silva²**

-
- 1 Enfermeira, mestre em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais
- 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG.

DUMONT, Érica; SILVA, Isabel de Oliveira e. **O cuidado na família: 'trabalho-castigo', transmissão de saberes? Relações de gênero e histórias de vida de trabalhadoras técnicas de enfermagem.**

O presente texto resulta de uma pesquisa de mestrado, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em que buscamos desvendar as relações de cuidado nas histórias de vida de duas mulheres, atuais trabalhadoras técnicas de enfermagem. O conceito de cuidado, tomado dos estudos feministas, entendido como uma relação social cujo objeto é o outro, constituiu o eixo central das análises da pesquisa. Nesta, entendendo que as relações de cuidado são constituídas de ações e emoções, vivenciadas pelas agentes nos diversos contextos dos quais estas fazem parte, procuramos desvendar o objeto do cuidado com foco na esfera familiar e também na esfera do trabalho no Centro de Saúde. Para a construção das histórias de vida, utilizou-se entrevistas narrativas. Outro procedimento metodológico adotado foi a observação participante nas situações de entrevistas e no cotidiano do Centro de Saúde por um período de três meses. Assim, como um dos resultados desta pesquisa, pretende-se abordar neste artigo o cuidado no âmbito da família. Na primeira parte do artigo, situamos a discussão contemporânea do cuidado desenvolvida no campo de estudos feministas. Nela também apresentamos a construção do objeto e as opções metodológicas para a compreensão do mesmo. Na segunda parte focalizou-se na história de Lúcia e Rosa no âmbito das respectivas famílias com objetivo de apreender e analisar nas suas histórias: as práticas, os significados e as emoções que constituem as relações de cuidado. E por fim, na terceira parte do texto, apresentamos considerações finais sobre o cuidado no âmbito dessas famílias. Destacou-se a consubstancialidade das relações de cuidado, gênero e classe social em diálogo com a perspectiva feminista do cuidado e tomamos o conceito de gênero como categoria de análise central. Os resultados revelaram que as relações de cuidado extrapolam os objetivos da sobrevivência e instrumentais, embora estejam bastante delimitadas por esses objetivos, desvelando um contexto de práticas e símbolos, que se destacam não só pela responsabilidade, altruísmo, aprendizagem comunitária, mas também pela violência e raiva, pelo “trabalho-castigo”, sendo essas últimas dimensões ainda são pouco evidenciadas nos estudos sobre a temática.

Palavras-chaves: Cuidado - trabalho de cuidado - “care”, gênero – feminismo, família.

DUMONT, Érica; SILVA, Isabel de Oliveira e. **O cuidado na família: 'trabalho-castigo', transmissão de saberes? Relações de gênero e histórias de vida de trabalhadoras técnicas de enfermagem.**

O presente texto resulta de uma pesquisa de mestrado, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em que buscou-se desvendar as relações de cuidado nas histórias de vida de duas mulheres, atuais trabalhadoras técnicas de enfermagem. O conceito de cuidado, tomado dos estudos feministas - que desenvolvem-se há três décadas nos países anglo-saxões e mais recentemente na França América Latina e Central (HIRATA, 2010) - é entendido como sendo uma relação social cujo objeto é o outro (HIRATA, 2010).

Os estudos do cuidado reconhecem que esse é um tema a ser desvelado principalmente no que concerne ao trabalho dos grupos subalternizados, sobretudo as mulheres pobres. Entretanto, no Brasil ainda são incipientes os debates mais cuidadosos e aprofundados sobre o tema, associando-o a questões de gênero, poder e políticas sociais. Aqui, algumas iniciativas (WALDOW, 2010; BOFF, 1999) têm revelado um olhar sobre o cuidado de forma encantada, porém sem que se ofusque essa atividade notadamente permeada de contradições, como é o mundo em que vivemos (WALDOW, 2010). Nessas iniciativas o cuidado, como um ideal, é pensado de modo a sinalizar mudanças de paradigmas nas atitudes dos seres humanos, respondendo pelo convívio, solidariedade, amor e respeito.

Em diálogo com essas perspectivas, entendemos que, mesmo que o horizonte do pensamento do cuidado seja esse ideal, ainda é preciso conhecer as relações de cuidado, percebê-las no seu cotidiano, de modo a não insistir nas análises distantes da realidade, do vivido. E foi com esse objetivo que nos debruçamos sobre o presente trabalho.

Dentre as áreas que transitamos – educação e enfermagem - compreendemos também que eram as trajetórias das trabalhadoras da saúde, de modo específico as da enfermagem, importantes referências para a compreensão do cuidado, na medida em que, nos seus percursos, essas cuidadoras lutam por exercer o cuidado sob influências religiosas, culturais, políticas e de classe e gênero, em meio a uma realidade hostil, brutalizada, interesses tecnológicos, empresariais, entre tantos.

Sob esse olhar, analisar o cuidado não significaria resgatar receitas, normas, técnicas, mas, sim, o vivido e sentido, o cotidiano, as histórias. O cuidado como um elemento fundamental e parte

de toda socialização estabelece a manutenção da vida, construindo um “saber-fazer” próprio das mulheres (KERGOAT, 2003; LOPES & LEAL, 2005). Nesse direção, buscamos o olhar para a constituição das maneiras de ser e de cuidar, sob uma perspectiva que não se restrinja ao trabalho no mercado, por isso a opção pelas histórias de vida.

No primeiro capítulo do trabalho a ser apresentado no ALAST, desenvolvemos a introdução acima, buscando situar a discussão contemporânea do cuidado realizada no campo de estudos feministas. Nele apresentamos a construção do objeto da pesquisa e ainda as opções metodológicas para a sua compreensão.

No segundo capítulo, trazemos as histórias de Lúcia e Rosa³, no âmbito da família, com o objetivo de apreender e analisar as lembranças sobre o cuidado e alguns dos sentidos construídos por elas acerca de suas práticas cotidianas de cuidado nessa esfera. Neste capítulo analisamos os relatos de Lúcia e Rosa (e também de alguns familiares), sobre suas vidas no âmbito da família. Os relatos apresentam formas de ser e exercer o cuidado, bem como alguns dilemas e desafios, que também estão colocados para a atuação como técnicas de enfermagem, já que o cuidado se constitui em continuidade.

Nesse contexto, observa-se nas histórias de Lúcia e de Rosa, que as agentes cuidadoras das famílias, bem como as transições entre agentes cuidadores e que recebem cuidado, estão fortemente marcadas pela dimensão de classe social e de gênero. Essas histórias representam as configurações presentes na ponta do “modelo de delegação” que configura o trabalho de cuidados no Brasil. Nesse lugar, as meninas, filhas de cuidadoras na esfera pública, desempenham o trabalho de cuidados na esfera familiar (no contexto de ausência de políticas públicas). A dimensão de classe social mostra-se radicalmente ligada à conformação do pensamento do cuidado nessas famílias como uma contribuição para relações de troca/obrigação, passível de ser dada sobretudo pelas meninas (e também um menino, embora questionada a sua contribuição), já que é algo da essência das mulheres, da ordem dos comportamentos e sentimentos da “natureza” feminina. Sendo as mães, de formas diferentes, as orientadoras da aprendizagem de cuidado.

Na história de Rosa há uma preocupação por parte da sua mãe para que todas as crianças – incluindo suas irmãs mais velhas – pudessem conciliar o trabalho de cuidados com o brincar e com a escola. Além dessas preocupações, percebemos que, sendo Rosa a filha mais nova e sua mãe uma cuidadora legítima do aglomerado (parteira, benzedeira, casamenteira), a sua aprendizagem de cuidados se deu numa outra esfera (diferentemente das irmãs mais velhas), na comunidade, acompanhando sua mãe. Desse modo, a contribuição para a troca por meio do cuidado é

3 Os nomes desse trabalho são fictícios, de modo a preservar a identificação dos/as sujeitos/as da pesquisa.

evidenciada na forma de solidariedade com a comunidade, sendo a transmissão de saberes e valores sobre a saúde e sobre as relações interpessoais constituinte e sendo constituída como uma forma de poder próprio das mulheres.

Já Lúcia, como filha mais velha, era a principal cuidadora das irmãs aos cinco anos, sendo o seu trabalho um trabalho-castigo, no qual se evidenciam constantes situações de violência e vulnerabilidade. Nesse caso, embora se evidencie uma rede de cuidados familiares que minimamente se mobilizam em torno do “cuidado necessário” (TRONTO, 1983) de Lúcia e das irmãs, garantindo-lhes a assistência para sobrevivência, elas ficavam constantemente afastadas do convívio comunitário, sozinhas, tendo que *se virar*.

Nota-se que, tanto nas narrativas de Lúcia, quanto nas de Rosa, a instabilidade das formas de prover a vida, sobretudo no âmbito público dos empregos, manifestada na perda do emprego dos pais, incide sobre a dinâmica da casa, fazendo com que as crianças estivessem mais vulneráveis a trabalhar precocemente como cuidadoras, já que também suas mães voltavam-se para o trabalho assalariado e que esta função era negligenciada pelos pais. Na história de Lúcia essa vulnerabilidade que está relacionada ao trabalho assalariado não só contribui para a transição das agentes cuidadoras de mães para filhas, como também descreve uma situação particular do cuidado na qual o controle do público, da moral da família, delimita os modos de ser e agir dos agentes cuidadores e dos que recebem cuidado, de forma incisiva.

Evidencia-se em todas as gerações descritas que, ainda que as mães, como responsáveis pela autoridade da casa, sejam as principais agentes gerenciadoras do cuidado, elas, nessa condição, não são as principais cuidadoras, pensando o cuidado como uma relação face à face. Também vimos que, embora o cuidado seja parte de uma rede, em que todos os agentes são vulneráveis, as mulheres são responsáveis por cuidar e, muitas vezes, elas também se colocam a prova da capacidade de cuidar o que é de certo modo, uma proteção do cuidado como algo feminino. Essa última observação pode estar relacionada a um modo de pensar próprio da moral que envolve o cuidado, no sentido de conservação das relações existentes, bem como à necessidade tácita de receber cuidado como parte de uma rede de relações e, ainda, como “mulheridade”, uma forma de proteger-se dos medos diante do cuidado.

Embora não sejam as principais cuidadoras, quando mães, Lúcia e Rosa revelam uma mudança na forma de perceber as crianças, suas filhas, como potenciais cuidadoras. A visão da maternidade como uma escolha combinada a uma melhoria nas condições objetivas de vida é importante para recolocação do lugar das crianças como pessoas com as quais se tem obrigações, isto é, virar pelo avesso a socialização recebida. Elas percebem suas filhas como pessoas que

necessitam de cuidados e que não podem cuidar autonomamente de si mesmas ou umas das outras, no caso das filhas de Lúcia. Apesar disso, elas demonstram a fragilidade de se delegar cuidado a outrem, seja o marido, a mãe e irmãs (no caso de Lúcia), a sobrinha ou a irmã (no caso de Rosa). Nota-se a ênfase que a escola adquire, como um espaço a compor a rede de cuidados, e a escolarização como uma importante dimensão do cuidar bem das filhas.

Como afirmou Tronto (1983), os grupos subalternizados e, sobretudo, as mulheres desses grupos ocupam posições muito diferentes na ordem social, que justificam e são justificadas pela posição desigual que ocupam como cuidadoras na nossa sociedade. A escolha do cuidado como profissão evidencia o caráter contínuo dessa prática, seja na construção da alteridade e compaixão referente à pessoa a ser cuidada, como no caso de Lúcia, seja na ressignificação dessa compaixão já constituída com relação ao outro da comunidade, como no caso de Rosa. Em meio a esses sentimentos, que também se constroem na e pela falta de opções, a escolha razoável de ser uma trabalhadora de cuidados revela ainda uma possibilidade de afastar-se do cuidado na dimensão doméstica, seja na família ou seja como empregada doméstica. Os trabalhos de cuidado fora de casa como enfermeiras técnicas passam a ser menos um “dom” e mais uma possibilidade concreta de trabalho assalariado, que significa autonomia econômica, mas também autonomia sobre a próprio lugar de mulher, subordinado aos valores familiares.

Assim, concordamos com Tronto (1987) que, em termos éticos, essas mulheres sejam favorecidas de algum modo, por suas experiências diárias. Em certa medida, elas constroem uma rede de relações referenciada na troca e no respeito, na solidariedade que constitui e é constituída, por sua vez, na noção de família mais ampla e solidária, onde o papel dessas mulheres diz respeito ao cuidado. Evidenciaram-se, em contrapartida, como advertia Molliner (2004), dimensões da “caixa preta” do cuidado. As relações de cumplicidade, respeito na família, de manutenção das relações e da não violência também nos apontam dilemas para a ética do cuidado.

Referências Bibliográficas:

BERTAUX, Daniel (1980). El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. *Proposiciones*, Costa Rica, n.29, pp.1-22, 1999.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Daniëlle. *Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho*. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HIRATA, Helena. Teorias e Práticas do Care: Estado Sucinto da Arte, Dados de Pesquisa e Pontos em Debate. In: FARIA Nalu; MORENO, Renata (Org.). *Cuidado, trabalho e autonomia das*

mulheres. São Paulo: SOF, 2010. p.42- 56. KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 86, março, pp. 93-103, 2010.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli et al. (Orgs.) *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

MACHADO, L.Z. Masculinidades e Violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, M.R. (Org.). *As Várias Dimensões do Masculino: traçando itinerários possíveis*. São Paulo/Santa Cruz do Sul: Boitempo/Edunisc., 2004.

MARANHÃO, Damaris G. 1998. 150 f. *O Cuidado como Elo entre a Saúde e a Educação*: um estudo de caso no berçário de uma creche. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, José de S. (Org.). *O Massacre dos Inocentes: a criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Rucítec, 1993.

MOLLINIER, Pascale. O ódio e o amor, caixa preta do feminismo? Uma crítica da ética do devotamento. Trad. Nina de Melo Franco. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.10, n.16, pp.227-242, dez. 2004. SARTI, Cynthia A. A Dor, o Indivíduo e a Cultura. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.10, n.1, pp.3-13, jul. 2001.

SARTI, Cynthia A. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.64, fev. 1988.

SARTI, Cynthia A. Reciprocidade e Hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.70, ago. 1989.

SARTI, Cynthia. A Família como Ordem Simbólica. *Psicologia*, São Paulo, USP, v.15, n.3, pp.11-28, 2004.

SORJ, Bila. O Feminino Como Metáfora da Natureza. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.0, n.0, pp.143-150, 1993.

TRONTO, Joan. *Moral boundaries. A political argument of care*. New York: Routledge, 1993